

Leitura e produção de textos

Unidade 6: Resumo, Sumarização e Paráfrase: como recontar um texto demonstrando sua compreensão

Objetivos

- Praticar a habilidade de resumir um texto, por meio das estratégias de sumarização e paráfrase.

Nesta unidade, vamos praticar a habilidade de resumir um texto, por meio das estratégias de sumarização e paráfrase.

A compreensão de um texto, conforme estudamos, envolve estratégias que usamos antes, durante e depois da leitura.



Lembre-se

Na Unidade 4, vimos que, na pós-leitura, precisamos ser capazes de:

- dizer qual é a ideia principal do texto;
- resumir (sumarizar e parafrasear) o texto.

Nesta unidade, vamos nos deter na habilidade de resumir um texto, que está totalmente ligada à capacidade de identificar sua ideia principal. Ambos – a identificação da ideia principal e o resumo –, apesar de fazerem parte do momento pós-leitura, iniciam ainda durante a leitura, dependendo, portanto, da pré-leitura.

Observe o seguinte texto: [A “safada” que “abandonou” seu bebê](#)

Em um primeiro contato com esse texto, ainda na pré-leitura, observamos as pistas em torno dele e ativamos nossos conhecimentos prévios para elaborarmos hipóteses (previsões) sobre ele. Uma dessas hipóteses é o **gênero** ao qual o texto pertence: podemos perceber, a partir das pistas do local de publicação (uma coluna na seção “Opinião” do jornal El País Brasil) e da autora (Eliane Brum, escritora que costuma publicar textos de opinião nessa coluna), que o texto é do gênero **artigo de opinião**. Essa dedução é importantíssima, pois, ao identificar o gênero, já podemos prever qual será a ideia principal do texto – afinal, quando sabemos qual é o gênero do texto em questão, reconhecemos a situação de comunicação por trás dele e a provável intenção de nosso interlocutor, ou seja, o que ele quer **fazer** conosco por meio de seu texto.

Para tanto, precisamos ativar nossos conhecimentos prévios: se costumamos ler artigos de opinião, sabemos que a intenção de quem os escreve é convencer ou persuadir o leitor, por meio de argumentos, a concordar com seu ponto de vista (sua tese). A ideia principal do artigo de opinião, portanto, é justamente essa: a tese defendida pelo autor. Assim, durante a leitura precisaremos identificar qual é essa tese.

Essa identificação, além de nos possibilitar compreender melhor o texto, é crucial para conseguirmos resumir-lo. Isso porque a primeira etapa de um resumo consiste na **sumarização** do texto – isto é, na redução dele a suas ideias essenciais. Nessa etapa, extraímos o sumo (assim como, quando esprememos uma fruta, ficamos com seu suco), o essencial do texto. E só conseguiremos fazer isso se pudermos primeiro identificar o que é essencial – e o que é secundário.

A segunda etapa de um resumo consiste na **paráfrase**, ou seja, na habilida-

de de recontar o texto com nossas próprias palavras. Justamente por isso, o resumo é a etapa mais complexa da compreensão de um texto, pois, além da leitura, envolve a **escrita**, e esta sempre é feita para **outra** pessoa: quando resumimos um texto, o recontamos para alguém que não o leu. Isso significa que, quando fazemos um resumo, além de garantir que compreendamos o texto lido, precisamos assegurar-nos de que a pessoa para quem estamos recontando o texto o compreenda apenas por meio de nosso resumo, sem precisar recorrer à versão original para entendê-lo. Extremamente complexo!

Além disso, precisamos deixar claro, o tempo todo, de quem são as ideias do texto que estamos resumindo. Algumas vezes, resumimos textos que foram escritos por nós mesmos. Isso é bastante comum no ambiente acadêmico, quando, por exemplo, divulgamos, por meio da escrita de um artigo científico, um Trabalho de Conclusão de Curso, uma dissertação de Mestrado ou uma tese de Doutorado, uma pesquisa que realizamos, pois a primeira seção dos textos desses gêneros costuma ser um resumo. Nessa seção, devemos apresentar as ideias essenciais de nosso trabalho, deixando claro, para o leitor, o que nossa pesquisa realizou.

É o que podemos ver no artigo científico que lemos na Unidade 4: [*Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores*](#). A primeira parte desse texto é a seção “Resumo”:

<h2>Resumo</h2>	
<p>O estudo apresenta os resultados obtidos em uma investigação sobre a síndrome de burnout em professores de escolas particulares de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Trata-se de um estudo epidemiológico que buscou identificar o nível da síndrome de burnout, verificando possíveis associações com variáveis demográficas, laborais e fatores de estresse percebidos no trabalho.</p>	<p>Objetivo: o que a pesquisa pretendia investigar?</p>
<p>A população do estudo estava composta por 217 professores, dos quais, participaram 190 sujeitos (87,5%). Como instrumento de pesquisa, utilizou-se o MBI para medir burnout, associado a um questionário para o levantamento das demais variáveis.</p>	<p>Método: como a pesquisa foi realizada?</p>
<p>Os resultados obtidos revelaram que professores apresentam nível baixo nas três dimensões que compõem burnout: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal no trabalho. Variáveis demográficas não apresentaram relação com as dimensões de burnout, sendo que, das variáveis profissionais, a carga horária e a quantidade de alunos atendidos foram as que mostraram associação com a dimensão de exaustão emocional.</p>	<p>Resultados: o que a pesquisa descobriu?</p>
<p>Mau comportamento dos alunos, expectativas familiares e pouca participação nas decisões institucionais foram os fatores de estresse que apresentaram associação com as dimensões de burnout.</p>	<p>Discussão: como os resultados podem ser interpretados?</p>

Estafa Profissional; Estresse; Saúde Ocupacional

Fonte: Univates (2018).

Unidade 6

Observe que esse resumo, redigido pelas próprias autoras do artigo, apresenta as etapas essenciais da pesquisa realizada por elas e divulgada no artigo: objetivo, metodologia, resultados e discussão, que correspondem às seções em que o artigo está dividido. É importante que o resumo científico contemple todas essas informações, pois ele é a “vitrine” do artigo: todos os leitores que acessarem o periódico (revista) científico em que o texto está publicado consultarão primeiro seu resumo, e a partir dele poderão decidir se querem ou não ler o artigo completo.

É possível perceber que o resumo foi escrito pelas próprias autoras por uma marca linguística: as frases estão redigidas de forma impessoal (“o estudo apresenta...”; “trata-se de um estudo...”; “a população do estudo estava composta...”; “utilizou-se o MBI...”; “os resultados obtidos revelaram...”), assim como no restante do artigo, fazendo pressupor que a autoria das ideias do resumo é das próprias pessoas responsáveis pela pesquisa divulgada no artigo.

É diferente quando resumimos um texto que NÃO foi escrito por nós mesmos, e sim por outra pessoa. É o caso, por exemplo, das sinopses que constam na contracapa dos livros, que em geral são de responsabilidade da editora em que o livro está sendo publicado. Por exemplo, observe a seguinte sinopse do livro *Cognição, ciência e vida cotidiana*, do autor Humberto Maturana:



Fonte: Maturana (2018).

Esse resumo não foi escrito pelo próprio autor do livro, o que pode ser percebido por meio de algumas marcas linguísticas:

- a menção ao nome do autor, Humberto Maturana;
- os verbos conjugados na terceira pessoa do singular (“ele”), atribuindo todas as ações a esse autor: “reflete”, “constrói”, “propicia”;
- o uso do “nós” (“para entendermos”, “nossa operação”, “nos propicia”), causando um duplo efeito: o efeito de que a sinopse é dirigida aos possíveis leitores do livro e o efeito de que o produtor da sinopse se enquadra entre esses leitores.

Esse resumo, assim como o anterior, também serve como uma “vitrine” da obra resumida. Afinal, a leitura da contracapa é um dos fatores que fazem uma pessoa optar por adquirir e ler um livro. Portanto, é crucial que o resumo contenha as ideias essenciais da obra resumida – o que, no caso da sinopse de um livro, torna-se ainda mais complexo, pois uma obra de várias páginas precisa ser resumida em um parágrafo!

O resumo, portanto, é um gênero que circula em diversos meios com diversas finalidades para diversos públicos. Os dois exemplos de resumos que vimos – resumo de artigo científico e sinopse de livro – ilustram duas possibilidades diferentes de escrita desse gênero: resumir um texto escrito por nós mesmos (como no caso do resumo de artigo científico) e resumir um texto escrito por outra pessoa (como no caso da sinopse de livro).

Porém, em qualquer situação, o resumo sempre é escrito para outra pessoa, que ainda não leu o texto original e que precisa, portanto, compreendê-lo a partir do que é dito no resumo. É por isso que, para escrevermos um resumo, precisamos necessariamente ter compreendido o texto que vamos resumir: somente a partir dessa compreensão seremos capazes de sumariá-lo e de parafrasear suas ideias essenciais.

Vamos experimentar resumir um texto para entender como funciona seu processo. Considere o texto [*A “safada” que “abandonou” seu bebê*](#), que observamos antes.

Como pudemos ver na pré-leitura, trata-se de um artigo de opinião da autora Eliane Brum publicado na versão digital do jornal El País, sobre um tema bastante polêmico: abandono de bebês. Aprendemos, também, que um texto desse gênero apresenta suas ideias principais ligadas à tese defendida pela autora. Por isso, será necessário realizar a leitura procurando identificar qual é essa tese.

Vamos começar pelo título do artigo: *A “safada” que “abandonou” seu bebê*. Esse título nos informa que o texto vai tratar do tema do abandono de bebês por meio de um caso específico de bebê que foi abandonado pela mãe. Porém, um detalhe chama a atenção: por que os termos “safada” e “abandonou” estão entre aspas? Será que isso tem a ver com o ponto de vista defendido pela autora? Geralmente usamos aspas para indicar que o elemento grifado é um discurso de outra

pessoa, ou então para dar outro sentido ao termo grifado – ou para mostrar que duvidamos desse sentido. Será que a autora está colocando em dúvida os termos “safada” e “abandonou”? Será que ela não concorda que a mãe em questão seja considerada uma safada, nem que sua atitude seja considerada abandono?

Agora vamos observar o subtítulo:

“Como o mito da maternidade demoniza as mulheres ainda hoje e as reduz a mães desnaturadas ou criminosas, só toleradas se forem consideradas ‘loucas’”.

Este subtítulo complementa o título, orientando o leitor para o ponto de vista a ser defendido ao longo do texto. Já podemos perceber, a partir do título e do subtítulo, que a autora parece não concordar com a imagem que a maioria das pessoas fez da mãe em questão: na visão de Eliane Brum, essa mãe não é safada, não é abandonadora, não é desnaturada, não é criminosa e não é louca. Porém, ainda não sabemos o que a autora quer dizer com a expressão “mito da maternidade”. Provavelmente essa expressão tem a ver com a tese defendida pela autora. Isso precisará ser descoberto durante a leitura do texto.

Também ainda não sabemos quem é a mãe em questão, nem o que exatamente ela fez. Justamente por isso, a autora inicia o texto contando essa história para nós. A partir dessa narração inicial, ficamos sabendo que o nome da mãe é Sandra e descobrimos o que aconteceu com ela. Observe que a história não é narrada de forma neutra, como podemos ver já na primeira frase do texto: “Nos últimos dias, o Brasil elegeu uma nova vilã para lançar na fogueira do moralismo”. Pelo modo como a frase foi construída, podemos perceber indícios de que a autora não concorda com a forma como a mãe foi julgada moralmente pela sociedade. Mas, por enquanto, ainda não sabemos qual é a sua tese.

Mesmo assim, já temos elementos suficientes para iniciar nosso resumo: sabemos o título, o nome da autora, o local de publicação, o gênero, a provável finalidade, a provável ideia principal e a maneira como a autora iniciou o texto. Tudo isso pode ser escrito da seguinte forma no resumo:

Eliane Brum, no artigo de opinião *A “safada” que “abandonou” seu bebê*, publicado em sua coluna na seção “Opinião” do jornal El País Brasil, defende a tese de que...

Para tanto, a autora inicia explicando o que aconteceu com Sandra Maria dos Santos Queiroz, uma empregada doméstica que, após parir seu terceiro filho sozinha e escondida no banheiro da casa de seus patrões, precisou se desfazer da criança por não ter condições de criá-la sozinha, então a embrulhou dentro de uma sacola e a deixou

embaixo de uma árvore, acompanhando escondida até ter certeza de que a criança havia sido encontrada. Conforme a autora, quem a encontrou foi um zelador da vizinhança, que foi considerado um herói, enquanto Sandra foi tachada como mãe desnaturada, por supostamente ter abandonado a criança, o que no Brasil é crime.

► Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.

Após narrar a história de Sandra, Eliane Brum finalmente usa o termo “mito da maternidade”, termo já mencionado no subtítulo do texto: “Ela, Sandra, só pode ser transformada em vilã por ser vítima do mito da maternidade”. Será que é essa a tese defendida pela autora? Vamos adiante para descobrir.

Logo em seguida, a autora começa a falar sobre dois temas que não parecem ter nada a ver com o que já foi dito: parto natural humanizado e aborto. Por que ela começa a tratar desses temas? Onde ela quer chegar? Isso fica mais claro quando a autora diz o seguinte:

“Defender o protagonismo das mulheres no parto e defender o direito de as mulheres decidirem se querem ou não levar uma gestação adiante não é uma coisa e outra coisa. É a mesma coisa [...]. Trata-se do respeito à autonomia da mulher sobre o seu corpo.”

Podemos perceber, nesse trecho, que a autora cita o direito ao parto humanizado e o direito ao aborto para defender a autonomia da mulher sobre o próprio corpo. Mas o que isso tem a ver com o caso de Sandra? E o que tem a ver com o mito da maternidade?

Isso só é esclarecido a seguir, quando a autora afirma:

“E há que dar um passo a mais se as mulheres contemporâneas quiserem recuperar o controle sobre si mesmas: é preciso lutar ao lado de Sandra – e de todas as outras Sandras – para que ela não seja reduzida a uma pária social.”

Aqui podemos ver que a autora “costura” algumas das “pontas soltas” que havia deixado: ela menciona a luta pelo direito à autonomia da mulher sobre o próprio corpo – mencionando o direito ao parto humanizado e o direito ao aborto – como argumentos para mostrar que Sandra – e outras mulheres como Sandra – não tem esse direito, e, justamente por isso, foi reduzida a uma mera vilã ao recusar a maternidade.

E logo na sequência, ela finalmente “costura” todo esse raciocínio com a ideia de “mito da maternidade”:

“Para isso, é preciso confrontar o mito da maternidade, que esmaga as mulheres há tantos séculos. A ideia de que ser mãe é a realização suprema de qualquer mulher e de que nos tornamos mulheres mais completas ao vivermos a experiência da maternidade é uma armadilha na qual algumas de nós caem alegremente.”

Esse trecho parece retomar a ideia já mencionada no subtítulo do texto (que, por estar no subtítulo, já dava indícios de ser a principal do texto). E também retoma a ideia já lançada antes, de que Sandra só pode ser transformada em vilã por ser vítima do mito da maternidade. Será que esta é, então, a tese defendida pela autora?

A partir dos elementos que temos até agora, vamos ver como está ficando nosso resumo:

Eliane Brum, no artigo de opinião *A “safada” que “abandonou” seu bebê*, publicado em sua coluna na seção “Opinião” do jornal El País Brasil, defende a tese de que precisamos desconstruir o mito da maternidade, ou seja, a ideia de que ser mãe é a maior realização de toda mulher, pois esse mito é prejudicial às mulheres, reduzindo-as a vilãs quando não desejam ou não podem ser mães.

Para tanto, a autora inicia explicando o que aconteceu com Sandra Maria dos Santos Queiroz, uma empregada doméstica que, após parir seu terceiro filho sozinha e escondida no banheiro da casa de seus patrões, precisou se desfazer da criança por não ter condições de criá-la sozinha, então a embrulhou dentro de uma sacola e a deixou embaixo de uma árvore, acompanhando-a escondida até ter certeza de que a criança havia sido encontrada. Conforme a autora, quem a encontrou foi um zelador da vizinhança, que foi considerado um herói, enquanto Sandra foi tachada como mãe desnaturada, por supostamente ter abandonado a criança, o que no Brasil é crime.

Para defender sua tese, a autora apresenta diversos argumentos. Em um deles, Brum ressalta a luta das mulheres pelo direito à autonomia sobre seu próprio corpo, mencionando os movimentos em prol do direito ao parto humanizado e à interrupção voluntária da gestação, o que ainda é criminalizado no Brasil. Ela usa esse argumento para mostrar que Sandra – e outras mulheres como Sandra – não tem direito à autonomia sobre o próprio corpo, e, justamente por isso, foi reduzida a uma mera vilã ao recusar a maternidade.



Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.

Agora que a autora já mencionou a tese que está defendendo e já lançou um argumento para defendê-la, o texto poderia terminar. Porém, podemos observar que, a partir daí, ainda há vários parágrafos pela frente. Por que a autora fez um texto tão longo? O que mais ela precisa dizer?

Nesse ponto, precisamos refletir sobre o seguinte: estamos diante de um artigo de opinião que está defendendo um ponto de vista contrário ao senso comum: o de que uma mãe que abandonou seu próprio filho não é vilã, e sim vítima. Esse ponto de vista é tão polêmico que não basta a autora usar um único argumento; para tentar convencer o leitor a concordar com ela, serão necessários vários argumentos. Vamos ver de que forma a autora continua sua argumentação.

Logo após definir o que é “mito da maternidade”, a autora questiona a interpretação do ato de Sandra como de “abandonar”:

“[...] o verbo ‘abandonar’ já revela um julgamento – e não um fato. E de imediato produz um estigma, com grande repercussão no imaginário: o da mãe ‘abandonadora’. Se foi abandono ou não, só a história de Sandra poderá mostrar. O fato é que ela deixou a criança ao pé de uma árvore. Com o que sabemos, o mais provável é que ela não abandonou o bebê. Ela talvez tenha dado a criança. E a mudança do verbo – de ‘abandonar’ para ‘dar’ – pode mudar a interpretação do movimento feito por Sandra.”

E, então, conta com mais detalhes como foi toda a trajetória do ato de Sandra, mostrando fatos que indicam que seu ato combina mais com “dar” que com “abandonar”. Nesse ponto, é importante sabermos que a autora Eliane Brum é repórter, o que explica seu interesse por descobrir a fundo os detalhes das histórias sobre as quais escreve. Inclusive, no resumo, podemos nos referir à autora pela sua profissão, para evitar repetir demais o termo “a autora”.

O argumento seguinte apresentado pela autora é a reflexão sobre o termo “safada”:

“O gozo da mulher é sempre passível de punição. Há sempre uma sem-vergonhice embutida na sexualidade da mulher. Afinal, na moralidade cristã, o sexo só pode ser justificado pela reprodução. E assim, o ‘safada’ usado pelo segurança para se referir à Sandra ganha também a conotação sexual, já que ela não quis se tornar mãe daquela criança, esvaziando o ato sexual de legitimidade moral e transformando-o numa ‘safadeza’.”

Nessa reflexão, a autora implicitamente retoma o argumento anterior, sobre

o direito à autonomia da mulher sobre o próprio corpo, sugerindo que esta, ao ser tachada como “safada” por recusar a maternidade, não tem moralmente, aos olhos da sociedade, direito à autonomia sobre seu próprio corpo.

Mais adiante, ela lança outro argumento:

“Reconhecer a complexidade do ato de Sandra não é tirar a responsabilidade de Sandra. Esta seria apenas mais uma violência contra ela. Tratar como ‘incapaz’ ou como ‘louca’ aquela que escolhe não ser mãe parece ser a única justificativa aceitável para a sociedade. É isso ou o linchamento moral – e às vezes físico. Como se a ‘safada’ só pudesse ser parcialmente redimida ao ser convertida em ‘doida’. E como se de ‘safada’ a ‘doida’ houvesse uma melhora de status. Alternativas que respeitem a autonomia e a dignidade da mulher inexistem neste caso, e isso deveria revoltar homens e mulheres dispostos ao pensamento.”

Esse argumento remete a todos os outros, pois confirma a falta de dignidade da mulher que opta por renunciar à maternidade, o que reflete a falta de direito da mulher à autonomia sobre o próprio corpo.

Se observarmos novamente o título e o subtítulo do texto, veremos que todos esses argumentos estão contidos lá:

A “safada” que “abandonou” seu bebê

Como o mito da maternidade demoniza as mulheres ainda hoje e as reduz a mães desnaturadas ou criminosas, só toleradas se forem consideradas “loucas”.

O argumento de que mulheres como Sandra são consideradas vilãs ao recusarem a maternidade por não terem direito à autonomia sobre o próprio corpo; os argumentos que refletem sobre os termos “safada” e “abandonar”; e, ainda, o argumento da falta de dignidade das mulheres que recusam a maternidade, que precisam ser consideradas “loucas” para não serem consideradas vilãs, convergem para a tese defendida pela autora: de que precisamos desconstruir o “mito da maternidade”.

Depois de tantos argumentos, o texto poderia terminar. Porém, vemos que ele ainda tem alguns parágrafos. O que mais será que a autora tem a dizer?

Quando queremos convencer ou persuadir alguém a pensar como nós, não basta lançar mão de todos os argumentos possíveis: precisamos também “cativar” o interlocutor, fazê-lo se identificar conosco. É justamente isso que a autora faz no final de seu texto:

“Reconhecer a complexidade do ato de Sandra é, principalmente, reconhecer que a maternidade pode ser aterrorizante mesmo para aquelas que escolhem se tornar mães. [...] Esta foi também a minha sensação ao engravidar e experimentar a gravidez. [...] Neste ponto, há outro tabu que precisamos quebrar com urgência. A de que a mulher ama seu filho desde sempre e é mãe desde o momento da gestação. O ato de engravidar e parir não torna uma mulher também uma mãe, nem torna a criança que nasce um filho. [...] Lembro-me de que, ao voltar para casa depois do parto, fiquei sozinha no meu quarto com a criança. Eu olhei para ela, ela olhou para mim. Nós duas choramos. Eu me perguntava: ‘quem é esta?’. Até hoje estou buscando a resposta, o que é fascinante. Naquela indagação empreendi o longo e incompleto caminho que me tornou mãe – e que tornou aquela menina minha filha.”

Para que o leitor consiga se identificar com a autora, ela finaliza mostrando que casos assim, de mulheres que recusam a maternidade, não acontecem só com pessoas como Sandra: podem acontecer com qualquer um. Para isso, ela mostra o exemplo de sua própria gravidez e maternidade, de como estas podem ser aterrorizantes mesmo para quem as desejou e de como não há espaço para as mulheres poderem falar sobre isso. Por fim, ela reforça esse último argumento com o exemplo de uma personagem de um filme (Olivia), mostrando o quão maléfico é para as mulheres não ter liberdade de falar sobre como a gravidez e a maternidade podem não ser desejáveis.

“Olivia tem a ver comigo, Sandra tem a ver comigo. Estamos todas implicadas nesse mito da maternidade que nos esmaga e que lamentavelmente ajudamos a reproduzir. Somos cúmplices de nossos algozes históricos quando chamamos uma mulher como Sandra de ‘safada’, por ter escolhido não se tornar mãe da forma desesperada e desesperadora que suas circunstâncias lhe permitiram. Nem posso alcançar a solidão e o horror de Sandra parindo um bebê num banheiro, escondida, cortando ela mesma o cordão umbilical, amamentando a criança para poder entregá-la para ser adotada por quem dela poderia se tornar mãe. Para alcançarmos a dignidade, precisamos dizer o mais difícil. O muito mais difícil: #SomosTodasSandra. Eu sou.”

Nosso resumo, então, poderia ficar assim:

A escritora, repórter e documentarista Eliane Brum, no artigo de opinião *A “safada” que “abandonou” seu bebê*, publicado em sua coluna na seção “Opinião” do jornal El País Brasil, defende a tese de que precisamos desconstruir o mito da maternidade, ou seja, a ideia

de que ser mãe é a maior realização de toda mulher, pois esse mito é prejudicial às mulheres, reduzindo-as a vilãs quando não desejam ou não podem ser mães.

Para tanto, a autora inicia explicando o que aconteceu com Sandra Maria dos Santos Queiroz, uma empregada doméstica que, após parir seu terceiro filho sozinha e escondida no banheiro da casa de seus patrões, precisou se desfazer da criança por não ter condições de criá-la sozinha, então a embrulhou dentro de uma sacola e a deixou embaixo de uma árvore, acompanhando-a escondida até ter certeza de que a criança havia sido encontrada. Conforme a autora, quem a encontrou foi um zelador da vizinhança, que foi considerado um herói, enquanto Sandra foi tachada como mãe desnaturada, por supostamente ter abandonado a criança, o que no Brasil é crime.

Para defender sua tese, a autora apresenta diversos argumentos. Em um deles, Brum ressalta a luta das mulheres pelo direito à autonomia sobre seu próprio corpo, mencionando os movimentos em prol do direito ao parto humanizado e à interrupção voluntária da gestação, o que ainda é criminalizado no Brasil. Ela usa esse argumento para mostrar que Sandra – e outras mulheres como Sandra – não tem direito à autonomia sobre o próprio corpo, e justamente por isso foi reduzida a uma mera vilã ao recusar a maternidade.

Em outro argumento, a repórter questiona a interpretação do ato de Sandra como de “abandonar”: nesse trecho, ela conta com mais detalhes como foi toda a trajetória do ato de Sandra, mostrando fatos que indicam que seu ato combina mais com “dar” que com “abandonar”. Em seguida, a escritora também propõe uma reflexão sobre o termo “safada”, sugerindo que a mulher, ao ser tachada como “safada” por recusar a maternidade, não tem moralmente, aos olhos da sociedade, direito à autonomia sobre seu próprio corpo.

De acordo com Brum, a única forma de uma mulher como Sandra não ser julgada como vilã ou “safada” é ela ser considerada “louca” por “abandonar” seu filho, o que, segundo a autora, também desrespeita a dignidade da mulher, por não permitir a ela direito a escolha no que tange à maternidade. Esse argumento remete a todos os outros, pois confirma a falta de dignidade da mulher que opta por renunciar à maternidade, o que reflete a falta de direito da mulher à autonomia sobre o próprio corpo.

A escritora finaliza seu artigo mostrando que casos assim, de mu-

lheres que recusam a maternidade, não acontecem só com pessoas como Sandra: podem acontecer com qualquer pessoa. Para isso, ela mostra o exemplo de sua própria gravidez e maternidade, de como estas podem ser aterrorizantes mesmo para quem as desejou e de como não há espaço para as mulheres poderem falar sobre isso, tudo isso por causa do mito da maternidade.

A partir de todos esses argumentos, Eliane Brum esclarece para o leitor os motivos pelos quais o mito da maternidade é maléfico e deve ser combatido, para devolver às mulheres a dignidade de ter suas escolhas respeitadas sem precisarem ser consideradas vilãs ou loucas por isso.

► **Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.**

O resumo que construímos demonstra a compreensão do texto lido, resumizando-o e parafraseando sua ideia principal (a tese defendida pela autora) e as outras ideias essenciais (os argumentos usados pela autora para defender essa tese). Além disso, demonstra a preocupação em fazer o leitor compreender o texto resumido, apresentando o texto e sua autora no início e deixando claro, o tempo todo, que as ideias são dela, por meio do uso de conectores e de verbos de **dizer**.

Observe que, ao longo do resumo que construímos, em nenhum momento mencionamos nossa própria opinião sobre o tema, nem concordando nem discordando da posição da autora. Isso seria inadequado em um resumo. Lembre-se de que o objetivo do resumo é recontar o texto original para pessoas que ainda não o leram. Portanto, as únicas ideias abordadas no resumo devem ser as do texto original (**jamaís as nossas**), sempre deixando claro que a autoria dessas ideias é do autor do texto original.

Nesta unidade, você conheceu a sumarização e a paráfrase, que são estratégias importantes para a realização do resumo de um texto.



Atividade

Agora que você conheceu algumas estratégias para sumarizar e parafrasear um texto, você vai praticá-las por meio da elaboração de um resumo. Para isso, acesse o Ambiente Virtual.

Referências

MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane G; ABREU-TARDELLI, Lilia S. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATURANA, Humberto. [Sem título]. Amazon, 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Cogni%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%A2ncia-Cotidiana-Humberto-Maturana/dp/8542300270>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.